

## **Denis Marleau, da presença virtual à presença real**

---

*Marta Isaacsson*

Desde a metade dos anos oitenta, o teatro do Québec vem despertando interesse internacional não só por seu crescimento, mas também por sua inquietação artística, uma sadia insatisfação que o impulsiona a romper com modelos tradicionais de representação e a abrir espaços a novas experimentações. No Brasil, entretanto, o conhecimento do que se realiza naquela região francófona do Canadá é ainda bastante restrito. Foi no sentido de aprofundar um pouco mais o conhecimento, que nos últimos tempos desviei meu olhar de pesquisa para esta região do continente norte-americano e aqui compartilho um pouco das experiências artísticas de Denis Marleau encenador, pedagogo e, atualmente, diretor artístico do Teatro Nacional de Ottawa.

Cabe inicialmente dizer que, a partir de 1975, a estrutura institucional do teatro do Québec se amplia e se diversifica através do surgimento de inúmeras Associações, organismos de defesa dos interesses de diferentes profissionais da atividade artística. Promove-se assim o fortalecimento social da atividade teatral, o que permite a multiplicação de pesquisas de linguagem. As novas experimentações começam então alterar o perfil do fazer teatral iniciado nos anos sessenta. O movimento de criação coletiva cede lugar a uma nova prática que vem romper com os modelos convencionais de representação da realidade. Trata-se agora de explorar formas de expressão capazes de surpreender a percepção do espectador e revelar o lado obscuro da realidade. Para tal, este “teatro de criação” estreita sua relação com as outras artes e começa a povoar a cena de criações híbridas, de obras fortemente caracterizadas pela mestiçagem, correspondendo em muito às peculiaridades do teatro pós-dramático, conforme conceito desenvolvido pelo crítico alemão Hans-Tiens Lehmann.<sup>1</sup>

Dentro deste contexto, ao lado de Robert Lepage (Ex-Machine) e Gilles Maheu (Carbone 14), Denis Marleau se impôs como um dos mais importantes diretores canadenses. Em 1982, fortemente marcado pelo trabalho de Strelher, Vitez e Kantor, Denis Marleau funda o Ubu Companhia de Teatro com a produção de *Cœur à gaz et autres textes DADA*, resultado de uma colagem de textos de Breton, Picabia, Schwitters e Tzara. O forte interesse pela literatura se revela nas mais de trinta produções artísticas, onde se destacam, entre outros autores, Alfred Jarry, Samuel Beckett, Vladimir Vladimirovitch Maïakovski, Bernard-Marie Koltès, Georg Büchner e Thomas Bernhard. Algumas vezes, Marleau se viu acusado de infidelidade à literatura quebequense, em uma província imbuída pela defesa de uma identidade diferenciada do restante do país. Aos seus detratores, ele responde sublinhando a importância do interculturalismo e afirmando encenar de maneira quebequense.

É no texto que Denis Marleau busca o motor de uma criação lúdica e poética, desvendando a musicalidade da palavra, o ritmo da frase. A importância atribuída à palavra, não impede, todavia, Marleau de fazer da cena um espaço de diálogo multidisciplinar, integrando linguagens plásticas, coreográficas, musicais. Nesse processo transversal com outras linguagens, em 1996, ao adaptar para cena *Os Três Últimos Dias de Fernando Pessoa* de Antonio Tabucchi, lança mão pela primeira vez do uso do vídeo. A indiscutível genialidade de Marleau é de integrar o vídeo a serviço da composição do personagem. É assim que um único ator interpreta Pessoa e seus diferentes heterônimos, em difícil exercício de atuação, onde a contracenação deve se adequar ao contato com a imagem e som previamente registrados.

A experiência será aprofundada na criação de *Os Cegos* de Maurice Maeterlinck<sup>2</sup> apresentada em 2002 no Museu de Arte Contemporânea de Montreal e anunciada como “fantasmagoria tecnológica”. Ali Marleau encontrou no recurso do vídeo um caminho para desvendar a figura do duplo, da vida e da morte, da presença e da ausência, que parece assombrar o UBU Companhia de Teatro, como fazia com *Cricot 2* de Tadeusz Kantor. Em sua abordagem do texto de Maeterlinck, Marleau multiplica seis vezes os rostos de cada um de seus dois atores, Céline Bonnier e Paul Savoie, através de registros em vídeo. Projetadas sobre máscaras em cera, as imagens compõem a ilusão de doze pessoas imóveis, separadas, em uma floresta escura, que ignorando a saída, falam sem cruzar o olhar, para suportar a angústia. Ao distribuir todas as palavras de Maeterlinck a duas únicas vozes, de um homem e uma mulher, Marleau coloca o espectador diante talvez do último casal representante da humanidade. Um casal que parece ter somente na voz a derradeira força de expressão, pois muito pouco seus rostos comunicam. E é assim também que Marleau demonstra que o “teatro de imagem” e o “teatro de texto” não são duas vias distintas e irreconciliáveis.

Nesta experiência de *Os Cegos*, Denis Marleau já contava com a preciosa colaboração de Stéphanie Jasmin. Com formação em História da Arte (École du Louvre -Paris) e em Cinema (Université de Concordia - Montréal), Stéphanie assessora a dramaturgia e a concepção artística das produções do Ubu Companhia de Teatro desde 2001,<sup>3</sup> além de atuar como dramaturga junto às coreógrafas Ginette Laurin et Estelle Claretton e de realizar suas criações independentes.<sup>4</sup>

Paralelamente as suas atividades de criação, Denis Marleau dirige ateliês em diferentes instituições, e tem sido convidado a realizar estágios na França, Bélgica e Itália. Foi no contexto de um desses estágios internacionais que Marleau retornou à questão da presença do ator, mais uma vez motivado por Maeterlinck, como nos relata, no texto abaixo, Stephanie Jasmin. A presença do ator que em *Os Cegos* se reforçava, dialeticamente, por sua ausência, aparece aqui abordada de maneira diferente, ou nem tanto.

## Notas

---

<sup>1</sup> Hans-Thies LEHMANN, *Le theatre postdramatique*. Paris: L'Arche, 2002.

<sup>2</sup> Maurice Maeterlincki (Bélgica, 1862- 1949).

<sup>3</sup> Entre as produções que contaram com a participação de Stephanie Jasmin, ressalta-se *Intérieur* e *Os Cegos* de Maeterlinck; *Dorme minha pequena criança* de Jon Fosse e *Comédia*, de Samuel Beckett, bem como a realização dos vídeos *O Coração da Rosa* de Pierre Perrault e *Monge Negro*, de Anton Tchekhov.

<sup>4</sup> Em junho de 2005, Stephanie Jasmin realizou a encenação de seu texto *Ombres* no Espace Libre.